

# NÚCLEO POÉTICAS DA ORALIDADE (PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA – PUC-SP)

## RELATOS DA ÁGUA

*Jerusa Pires Ferreira\**

Ao longo desses muitos anos, temos trabalhado com vários segmentos do universo que chamamos de oralidade, ou como dizia Paul Zumthor, fazemos nossa peregrinação por *Oralia*. Distinguindo claramente a tradição de sua transmissão oral, quer tratemos mais diretamente de história e narrativa ou de aspectos da vocalidade, dramatização do corpo em presença – o que se chamou de performance –, em suas condições de tempo/espaço, somos conduzidos a novas dimensões. Assim, a avaliação de signos arquitetados em ecossistemas nos levaria do biológico à representação.

O Núcleo de Poéticas da Oralidade, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, colocou em foco algumas dessas questões e, em alguns seminários, trabalhos e teses, tratou da oralidade em suas vigências e vivências.

Alguns orientandos e pesquisadores enfocaram a Natureza como construção sógnica (representação e imaginário), sobrenatureza em sua construção, avaliando modos e possibilidades da expressão oral. Alguns se concentraram, mais especificamente, na Cultura das Águas.

Aliás, é este um dos temas mais candentes de nossa contemporaneidade histórica, das práticas sociais e políticas, da luta pela preservação ambiental à semântica intensa do signo água. O destino e a sobrevivência de mares, rios, poços ganham uma outra força, na medida em que se confundem com a própria sobrevivência no planeta Terra. Atônitos, vemos projetarem-se sobre nós imagens televisivas dos desertos do planeta Júpiter, que se oferecem como promessa e alternativa futura para os recursos esgotáveis de nossa maltratada água.

---

\* Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e da ECA/USP.

Retomando o papel de determinadas ações imaginárias, percorrendo textos que vão das famosas viagens medievais aos roteiros de marinharia, imagens cartográficas e em gravuras que retratam o velho e o novo mundo, alternando-se, em ambos, a fabulação, a fantasia com o vivido e presenciado, vemos como a água tem sempre um lugar proeminente, ligação das práticas aos mitos e vice-versa. E mais, como podem ser inovadores ou revitalizadores e congruentes os Relatos da Água, a partir de seus narradores pertencentes ao mundo tradicional e às comunidades que têm, assentadas neste elemento/sistema, diretrizes de vida e de suas culturas.

Trabalham sob esta perspectiva Mário Cezar Silva Leite e Áurea Rita (Pantanal) e Josebel Akel Fares (Marajó). A partir daí, abriu-se contato sempre proveitoso com o pesquisador e professor da USP, Antonio Carlos Diegues, ou com a antropóloga Joana Fernandes, e ainda com a pesquisadora Marcia Acioly, que acaba de produzir um CD, a partir da recolha de textos da tradição popular da Água em Alagoas (esse nome já é em si uma sonora sugestão), e ainda a estudante Socorro Acioli, do Ceará, que nos enviou um texto que nos apresenta interessantes aspectos da descoberta prática e mágica da água sob a terra ressequida do Sertão.

Este é, portanto, um dossiê de pesquisa que reúne trabalhos em andamento, que nos levam a fontes documentais brasileiras e universais, a aspectos históricos, semióticos e às próprias poéticas da oralidade. Incurção também etnográfica, é uma sondagem das elaborações da vida e da cultura, da maravilha e do desafio propiciados pela imaginação e pela ciência.